

QUINTA-FEIRA  
Lisboa--14 de Julho-1927

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

60

sempre  
**fixe**  
semanario  
humoristico

ICB  
Sr.  
Alvarenga  
da Brin



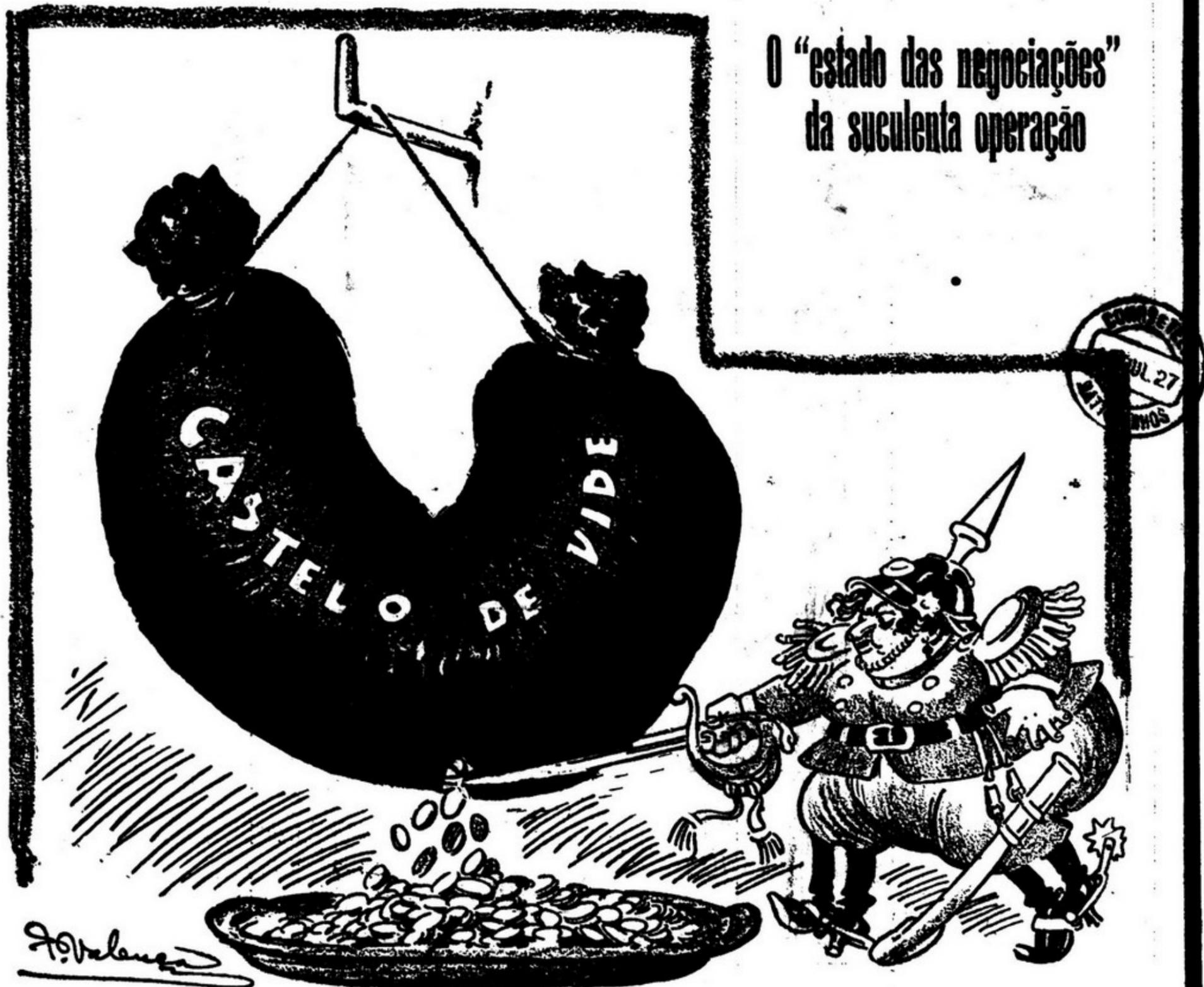
Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

# Um piteu «à la financière»

O "estado das negociações"  
da suculenta operação



Alvarenga



## Os ditos da semana



O primeiro domingo da Semana dos Hospitais esteve a caracter. Foi um autentico domingo de hospital, com muitas visitas. Batalha de flôres enfezadinha, raquitica, sem flôres, a pedir baixa ao hospital.

Dos carros que estiveram na avenida, merece especial menção o da casa Tata que, não contente com estar, anunciava pleonasticamente em varias taboetas:—Tá Tá, Tá tá.

—Cá lá ele, diziam os garotos.

O entusiasmo *latava* doente. Aquilo era uma enfermaria ambulante, subindo e descendo a Avenida em muletas. Não serviu de nada aquela obrigação imposta a cada carro de levar de borla duzentas serpentinas e dois quilos (!!!) de *confetti*, porque houve muito quem não quizesse—talvez por enguiço pelo facto de se tratar de hospitais—pegar às borlas.

Do que não resta duvida é de que o acompanhamento foi numeroso. Viam-se pessoas de todas as classes sociais e o ar compungido que todos apresentavam denunciava bem flagrantemente a convicção geral de que os hospitais não são para brincadeiras.

A' noite, a exposição de montras foi tambem uma festa digna dos hospitais. Gemia-se mais no apertão, para chegar até junto duma montra, do que num catre de enfermaria ou numa sala de operações.

Para aumentar a população hospitalar, amolgaram-se as costelas e pizaram-se os calos de meia cidade. Houve chilikos e ocorrências daquelas que pedem uma parte carregada, para não falar nas impressões digitais que qualquer madama pode apresentar à superfície durante uns quinze dias pelo menos.

O povinho de Lisboa é como S. Tomé e mais que S. Tomé: Vêr para crêr e apalpar para ter uma certeza maior.

Nas ruas da Baixa estiveram em acção todos os cinco sentidos. Aquilo foi um regafofe que deixa a perder de vista a visita às igrejas em quinta-feira maior. Só não houve sermão, mas as virgens foram muito sacrificadas. Aquilo foi o que, com toda a procissão do encontro e do encontrão, que acabou em casa de cada um pela cerimonia do lava-pés, ao fim duma caminhada de quilometros, pisados e repisados, para trás e para diante, num quarteirão da rua Augusta ou da rua

do Ouro. Houve criaturas que custaram mais a arrancar do seio da multidão do que um queixal de pernas retorcidas da bôca dum paciente á força de boticão.

Em frente do Lisboa & Açôres, talvez só pela ideia de que estavam no banco, as mulheres gritavam como se estivessem sofrendo um penso doloroso.

Transfusão de sangue não houve, que nós soubessemos, e se algum sangue se verteu porventura, ficou cada qual com o que era seu, porque bastantes vezes ouvimos a creaturas que se afastavam do apertão:

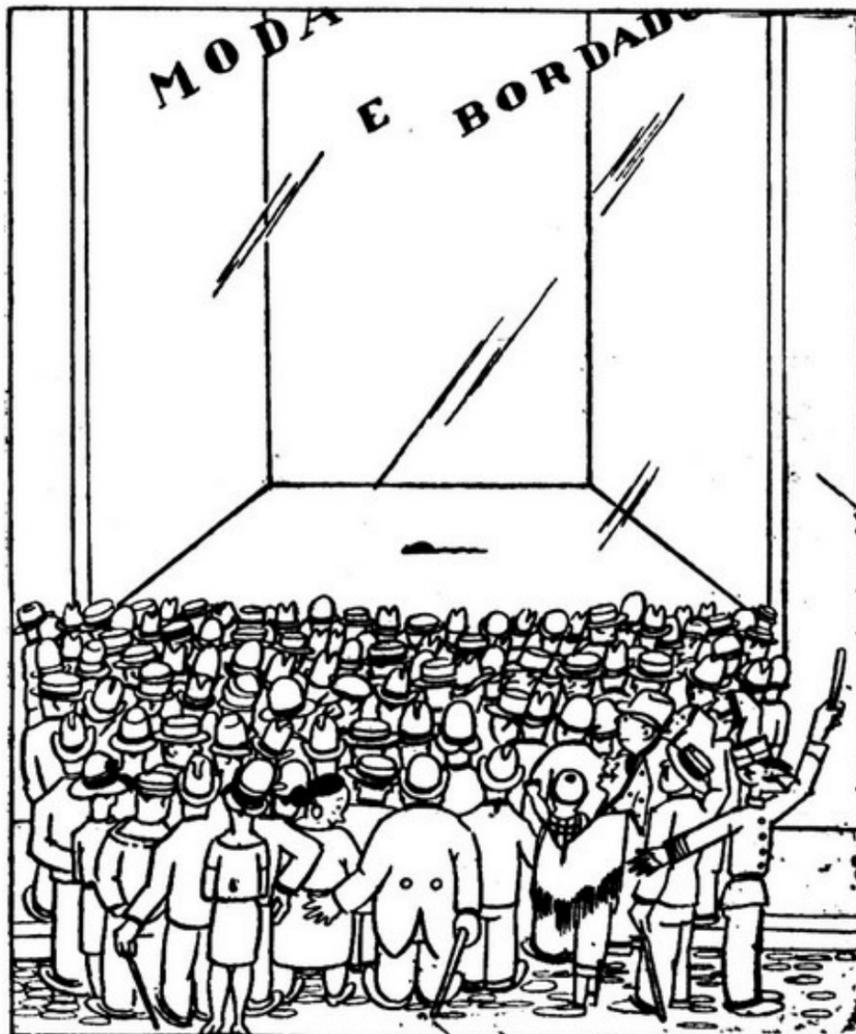
—Fujamos daqui que eu não quero misturas.

E foi o que nós fizemos.



Ah! viajar! Ir para fóra com os tarecos às costas, cae aqui, levanta-se acolá, vendo sempre a morte a espreitar em cada cova da estrada! Que delicia veraneiar numa aldeia sertaneja, debaixo da copa de um frondoso castanheiro, envolvido numa nuvem de moscas zumbidoras!

### A semana dos hospi... tais e coisa...



Mons parturlens

Não ha prazer igual a este de viver um mês no campo, onde o ar é puro e mais azul o céu, onde a hortaliça fresca e tenra, agitada pelas brizas matutinas, passa a noite a bater nos vidros das janelas, a fazer-se lembrada, a pedir á gente que a coma, sabendo ainda á terra, orvalhada ainda dos rócios da manhã. Ha lá nada mais poetico!...

A's vezes não ha agua, o que dá perfectamente a ilusão de que se vive em Lisboa, mas quanto não vale aquela nesgashinha de céu de cobalto enquadrada na nossa janela?

Quasi nunca ha peixe, se não daquele peixe, muito illustre por muito viajado, pescado a cem léguas de distancia, que nos chega á mesa moído e desfeito como qualquer cidadão que tivesse feito uma viagem de automovel, mas em compensação ha poentes deslumbrantes de cor que tentariam um pintor.

Ninguem nos fala de politica, ninguem nos fala de carestia da vida! Não ha visinhos por baixo, não ha visinhos por cima! Ninguem nos incomoda, porque não ha ninguem. Vive-se num desterro, num deserto, em comunicação directa com a natureza e,

quando acaba a temporada, volta a gente muito aborrecido, muito estúpido, e começa a compreender que a vida da cidade não é tão má como a pintam.

E ha quem troque um quarto andar de varanda corrida, num bairro alto da cidade, por uma pocilga sem luz, mas com muitas moscas, numa terreola infecta da provincia, só para que os bairristas dêem pela sua falta e murmurem, raladinhos de inveja:

—Os Soizas estão para fóra.



E, a proposito de viajar. Para fomentar o turismo, inventou-se agora um sistema de guias de bagagem que tem os seus encantos. Vai a gente tomar um paquete para as ilhas, ali ao cais de Santos, e surge-nos pela frente um guarda fiscal, mais fero do que um cerbero:

—A malinha não entra sem guia.

—E onde se arranja a guia, já que o sr. guarda entende que o dono da malinha não é pessoa idonea para a guiar?

—Ah, isso é lá em cima, no posto.

—E onde é o posto?

—E' lá para o pé do jardim de Santos. Vá perguntando. Pés a caminho, pergunta aqui, pergunta acolá, vai-se finalmente descobrir um casinhoto onde a guarda fiscal se entretem a carregar e a descarregar revólveres que até metem mêdo á gente.

—Uma guia de bagagem, fazia-me o favor.

—Traz sêlo, inquire o guarda, de má catadura.

—Não sabia, sibilamos a mêdo, com os olhos postos na pistola e um pé no ar, na direcção da porta.

—Pois se não tem, vá buscá-lo.

—Mas aonde?

—Oude os houver.

—Mas haverá aqui perto?

—ciciamos, sempre de olho alerta para a pistola.

—Ha lá em cima, na rua de S. João da Mata.

E lá vai uma pessoa a correr enquanto o navio apita, como a dizer á gente:

—Ou segues sem a malinha, ou vais com a malinha na proxima viagem.

E isto mete um taxi, e uma despeza, e uma correria, e um susto e custa ainda, no fim de tudo, seis tostões.

—Mas seis tostões de quê?

—Do impresso e não é caro.

Ou o senhor queria ser bem servido e de graça?...

# UMA ANEDOTA por semana

## O «looping the loop»

O Mota, seduzido pelas maravilhas que ouvia contar dos magnificos panoramas que se disfrutavam do avião, também quis um dia voar. Meteu empenhos e, pondo-se a caminho de Alverca, com uma carta de recomendação no bolso, apresentou-se ao major Santos Leite:

—Eu desejava dar uma voltinha pelo ar.

—E o senhor não tem medo?

—Não senhor, respondeu prontamente o Mota, e tenho um grande empenho em subir de avião.

—Muito bem, disse-lhe o major Santos Leite, medindo-o de alto a baixo, então vamos lá dar essa voltinha, mas o senhor já fica prevenido de uma coisa: depois de subirmos, só desceremos quando eu quiser e, visto que não tem medo, vai sujeitar-se a tudo o que me apetezer fazer lá em cima.

—Ora essa, acrescentou o Mota, eu não tenho medo.

Preparado o aparelho, o Mota tomou lugar na carlinga e amarrrou-se cuidadosamente com a correia. Os seus olhinhos pequenos denunciavam uma alegria infinita, a alegria de quem ia ser iniciado nos misterios do espaço.

—Não tem medo? perguntou-lhe o major.

—Não senhor. Pode subir.

Posta a helice em movimento, o aparelho deslisou pelo campo e foi levantar-se lá adiante, serenosamente, tomando o caminho do rio, em direcção a Lisboa.

Cruzando já sobre o Tejo, o major deitou um olhar curioso ao Mota e anunciou-lhe:

—Estamos a 400 metros. Tem medo?

—Medo nenhum. Isto é ótimo.

E o avião voava e subia constantemente.

—Estamos a 800 metros, disse-lhe o major. Tem medo?

—Qual medo, retorquiu o Mota. Isto é belo.

Dali a pouco, volta o major:

—Estamos a 1.200 metros. Ainda não tem medo?

—Não senhor, disse o Mota, olhando de soslaio cá para baixo e denunciando no rosto uma certa comoção.

—Estamos a 2.000 metros. Que tal? Já tem medo? O senhor está um pouco amarelo.

—Medo não tenho, disse o Mota aos engulhos, mas estou um pouco enjoado.

E o major, deliciado com as caras, carinhas e carrancas do Mota, começou a fazer habilidades. Ora descaía sobre uma asa, ora descaía sobre a outra; guinava para a direita e para a esquerda; subia e descia rapidamente, numa vertiginosa corrida pelo espaço, como quem andasse em procura da morte.

O Mota fazia-se de mil côros e já não tinha coragem para olhar cá para baixo. Movia-se e removia-se no seu lugar, como se não pudesse estar sentado, denunciando um incomodo bem flagrante. No ar começava a espalhar-se um perfume que não é trivial naquelas alturas e o Mota cada vez mais amarelo.

—E agora também não tem medo, senhor Mota? gritou o major—para se fazer ouvir.

—Não... senhor... não... tenho... medo... nenhum...—murmurou o Mota, quasi sem poder descerrar os olhos.

—Bravo, bravo, o senhor é um valente. Então vamos fazer o looping the loop.

O Mota estremeceu, estendeu o braço a custo, agarrou-se á mão do major e pediu, quasi cora lagrimas na voz:

—Não, o looping the loop não faço, não, não faço isso, porque é uma porcarias... Sou capaz de sujar os orelhinhos...

# O concurso de quadras DO «Diario de Lisboa»

Foi uma ideia muito feliz do papá *Diario de Lisboa*, essa de fazer chegar também aos poetas a vez de se habilitarem para a *sorte grande*. O seu concurso de quadras teve um exito colossal e muito melhor teria sido se muitos dos concorrentes, enganando-se no numero da porta, não viessem entregar no *Sempre Fize* as quadras que destinavam áquele nosso colega e que, por esse extravio, escaparam á apreciação do juri. Não escapam, porém, ao sufragio universal dos nossos leitores, aos quais vamos dar o grato ensejo de as apreciar e premiar como melhor entenderem:

De tanto que tem lá dentro e tão falado que é, quanta vez o meu bahu lembra a arca de Noé.

José Eugenio.

Agua do rio é caudal, e da fonte um simples fio; inda um dia agua da fonte has de sor agua do rio...

Carlos Pereira.

Ai Portugal, Portugal, Portugal que foste á vela, nem mais raça de gigantes, nem mais uma caravela.

Alvaro Maia.

O «Nada» é para mim tudo na minha obra rimada, e na politica, então, o tudo que fiz é nada.

Julio Dantas.

Oh fonte dos musgos verdes, palrando a todo o momento, lembra o teu palrar, menina, um palrador de S. Bento.

Felizardo da Costa.

Tão delicado do goito p'r'a gente não correr risco, o braço dum sinaleiro parece o de S. Francisco.

Ferreira do Amaral.

O paladar já fugiu desta terra, com corteza; ai, que falta de batata no *Cosido á Portuguesa*.

José Climaco.

As Rainhas do Comercio... isso é chão que já deu vinhas; Salvemos as raparigas do comercio das Rainhas.

José Pereira da Rosa.

Consura, não fosses tu, nada havia a censurar; até corta o coração o teu constante cortar!

Botelho Moniz.

Soi que ha quem não suporte que eu diga só de vagar que quero os touros de morte... ...Isto não vai a matar!

El Terribel Perez.

Disse o D. José no Freitas, quando este quiz apeá-lo: «Se nada fica de pé, deixa ficar-me a cavallo».

Um municipe de Lisboa.

Rosa linda, côr de carne, tão delicada no goito... fazes lembrar o Romão quando dá o dó do peito.

Antonio.

# PROSA DE CHA VELHO

## Só as pombas não voltam mais...

Vão-se dois idolos, outros vêm; vai-se uma corrida, outra vem. E só as pombas aos pombais não voltam mais...

Vão-se dois bandarilheiros, o «Jorge» e o «Manel», e vêm outros dois, o Custodio e o filho do Teodoro, que é calvo, e Rafael, como o cigano geizal que ultimamente nos visitou.

Vai-se uma corrida onde o Nuncio, Nuncio dos cavaleiros e dos equitadores e Papa das touramaquias equestres, arma o escandalo, toureando primorosamente dois touros e colo-

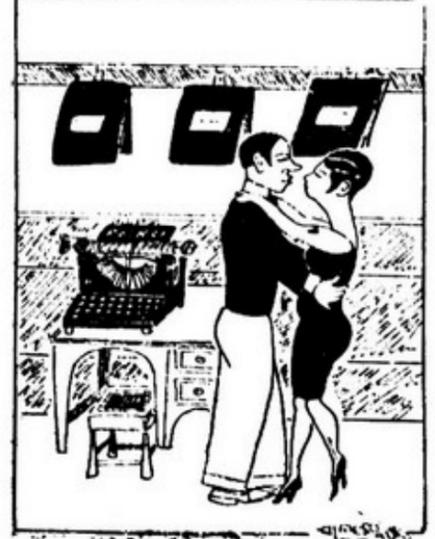


cando artisticamente dois pares de bandarilhas a duas mãos, e outra corrida vem onde o mesmo e autentico Nuncio vai repetir as suas façanhas, em touros puros de Emilio Infante da Camara e disputando a *Espora de Ouro* contra D. Alexandre e D. João de Mascarenhas, e ainda contra o discutido Don Antonio Cañero.

E se no passado domingo as festas nocturnas da Semana dos Hospitais, com suas iluminações e montras decoradas, não permitiu que o Campo Pequeno se enchesse, sabado, semana inglesa e semana dos hospitais, serão disputados os bilhetes que, a preços populares, permitem ver, pela primeira vez em Portugal, o certame equestre da *Espora de Ouro*.

Perez-Lachaise.

## Para uso interno!



Como os moralistas entendem a «Rainha do Comercio».



— Está autoadoado por deltar agua no leite.  
— Mas isso é mentiral!  
— Então boocé juiga que eu sou cego, que não vejo a bacca a buber?

75 - Rua de S. Paulo - 77  
SOMAS GRANDES?



# TEATRO



«RETROZ PRETO...»

## Maria Jodice e Brunilde Jodice da Costa

O teatro Nacional arrebitou com os *Miscarvitas*. A barricada fez estrondo: As figuras parecem verdadeiras, embora se apresentem vestidas com requintada elegância. Só se são novos pobres...

Uma pergunta?



NAO fazemos ideia nenhuma do que seja a *Madragoa*, onde Ester Leão vai pela primeira vez fazer o papel de cantora... Embora pouco treinada, esperamos que a voz lhe saia tão facilmente como a representação.



PARA titulos de peças populares, tornemos dois: o *Aljube*, grande peça de regeneração social, e a *Rua da Saudade*, que se pode imitar da *Rua sem Sol*. Como o teatro agora vive de titulos, é escusado fabricar as peças...



VAI-SE fazer, no Trindade, a reprise do *Amor a quanto obrigas...*

Quem será o interprete?



CONSTOU ha dias em Lisboa que o actor Chaby Pinheiro, antes de chegar ao Brasil, caiu ao mar—tendo sido devorado por uma baleia.

O cetaceo, horas depois, deu á costa, vitima dumta indigestão...



PARECE que o empresario José Loureiro pensa em organizar, com alguns elementos do nosso teatro, uma companhia de revista, no Brasil. Citam-se nomes de artistas convidadas. Um deles será o Carlos



**Na filha recorda a mãe o passado.  
Na mãe antevê a filha o futuro.**

Leal? Se não fosse o compadre Nascimento, onde ele iria a estas horas, com 200 artigos e 23 discursos. (Os numeros são arbitrarios e podem ser aumentados).



O desenvolvimento da revista não tem limites. O Avenida vai meter *Agua-Pé*. O Politeama traslada-se para a *Aldia dos Macacos*. O Maria Vitoria, depois da *Maria Rapaz*, re-

gressa ao seu antigo genero. No S. Luis prepararam-se tambem grandes e surpreendentes coisas. No Eden—é o que se sabe.

Cuidado com a epidemia. Tem havido ultimamente tantos casos fatais...



TITULOS de peças populares:  
*Quebra bilhas* (Quem é o empresario que ficou concertado?)  
*João Brandão* (Pede-se ao Custo.

dio das Dóres a sua intervenção poderosa...)

*Caracol da Graça* (Peça bairrista e fadista que passa pela Mouraria sem deixar de ir á *Madragoa*).



O S. Luis ficou derreado com o *Bairro Alto*. Teve que fechar a porta para obras. Inconvenientes de espectaculos demasiadamente fortes...



A provincia está cheia de *tournees*. Ha-as em Alcabideche, Sarihos de Baixo, Lourinhã—e outros locais de nomeada. A partida é facil mas o regresso difficil. E' caso para dizer: talento a quanto obrigas!...



ALEXANDRE de Azevedo anda pela provincia convencendo as massas com o *Senhor Doutor e o seu marido*.

Como é uma peça juridica, escusado será dizer que a *tournee* é uma causa ganha.



O Salão Foz tantos generos experimentou que arrebitou e fechou. Foi vitima dumta indigestão sintetica de modernismos e de vaiiedades.

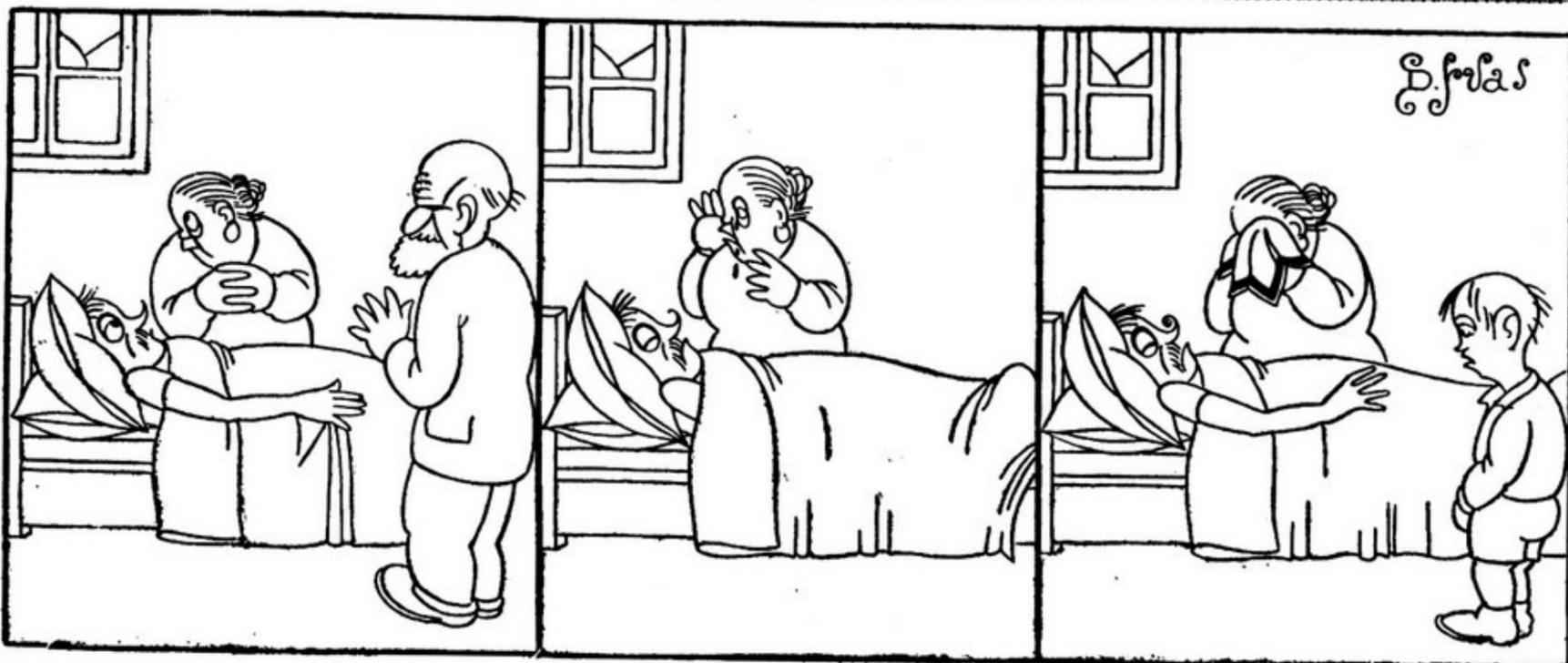
Nem o Soares lhe valeu! Infelicidades de medico consumado...



NO Politeama vão experimentar a *Luva Branca*.

Será calçada pelo Luis Pereira?

**O Homem das 5 horas**



O medico: — Meu amigo, isso está por pouco, nada posso fazer.  
O doente: — Tragam-me o meu sobrinho, não quero morrer sem o tornar a vêr.

A mulher: — Quinzinho, vem cá depressa ao tio, que ele é tão teu amigo como nem tu és capaz de calcular e não quer morrer sem se despedir de ti.

O doente: — Quinzinho, eu morro! Adeus, Quinzinho! Não te torno a vêr. Adeus!... Adeus!...  
O Quinzinho: — Adeus tio, passe muito bem.

HUMORISMO NO ESTRANGEIRO



A mulher do dramaturgo:—Para que te levantas? Encontrei alguma ideia dramática?  
O dramaturgo:— Sim, parece-me que encontrei uma, mas não é dramática, é «picanha».



—Tu vais sair, mamã?  
—Vou, sim, meu amor.  
—E ent... vestes?



—Cavalheiro, o senhor, ao pagar a conta, esqueceu-se do criado.  
—Eu não comi criado, segundo me parece.



—Ali onde veem, é um grande tenor, mas nunca ouviu um aplauso.  
—E' boal E onde canta ele?  
—Todos os dias para os radio-concertos.



—Oh! rapaz...  
—Pronto. E' para chamar um taxi?  
—Não. Um policia. Não tenho nem vintem.

Fitas faladas

A Nordisk caiu no gôto do Central. Depois da Favorita do Marajá, —aquela indianice muitíssimo dinamizada que se estriou no Tivoli e em que a Karina Bell tem um trabalho incansavel para comover o Gulnar Tolnaes, sem conseguir comover o espectador, — correram-se quasi consecutivamente mais três filmes de igual proveniencia; em todos eles entra a Karina Bell que, evidentemente, quer dizer em dinamarquês Carinha Bela, Cara Unhaca ou Pau para toda a Obra:—A Lei do Amor, Little Dorrit e A Pequena Vienense. A sempiterna Karina é agüentada —tradução em vernáculo de supportéd—pelo cara de pau do Gulnar Tolnaes, verdadeiro Pamplinas do drama setentrional, e por dois simpáticos mancebos da Jutlandia que dão pelos eufonicos nomes de Einar Hanson e Olaf Foss. A. W. Sandberg, realizador, não desacredita os processos da casa que nos deu os melhores filmes de avant-guerre. São bons exemplos de cinema europeu, capazes de provar que o bacalhau sueco pode rivalizar com o bacalhau da Terra Nova. E' tudo questão de olho...

\*\*\*

O Tivoli, honestamente, exhibe um filme elucidativo: O Ramo Seco, que tem como sub-titulo: Opulencia e Miséria. Na realidade, é sequinho de todo e marca bem o triste contraste que pode haver entre a opulencia duma sala chique, recheada com aquilo a que André Brun chamava toneladas de carne limpa, e a miséria duma película manhosa, made in France.

Firmin Gémier, o idolo popular de Paris, ao contrario do sr. dr. João Camoegas, não nasceu para estar calado. Ele é que é o ramo seco, embora para disfarçar lhe chamem Félix Gémier e Rigolo. A Dolly Davis que, como de costume, anda a gastar as suas ricas qualidades de loira fotogenica em argumentos pelintras, leva as oinco partes a perguntar a todos os seus parceiros como se chama a personagem que interpreta. Acabam-se as cinco partes—felizmente—e ela, coitadita, fica tão adiantada como nós. O legendista devia saber, mas o maroto não disse nada á gente.

O galã é feito por um desilustre conhecido de nome Garein, possuidor

duma chamada penca de empenca, e que podia muito bem ter dado o nome ao filme: bastava pôr, em vez de O Ramo Seco, O Papo Seco... Richard e Yvone Verleyne não conseguem melhorar o desconjuntado conjunto.

Mas, embora pareça difficil, ainda se consegue fazer pior. E como pode ser que não acreditem, se o leitor se dispuzer a ir admirar ao Tivoli as fitas da plateia e as estrelas do balcão de primeira ordem, sem esquecer os... jeunes premiers da promenoir, não tem mais do que esperar pacientemente uns dez minutos de intervalo para verificar oclarmento esta desoladora verdade.

Bartolomeu Pagano é aquele atleta quadrado que dá pelo nome de Maciste. Desta vez, vai Contra os Mouros e contra todas as regras do bom-senso e do bom cinema. Se se tivessem lembrado de chamar á fita, como podiam, Bartolomeu, Marinheiro, era caso para o sr. Afonso Lopes Vieira pedir uma indemnização. E' preciso que os italianos se convençam de que a fama do macaroni não nos leva a engulir todas as macarrônicas produções que lhes apeteça impingir-nos.

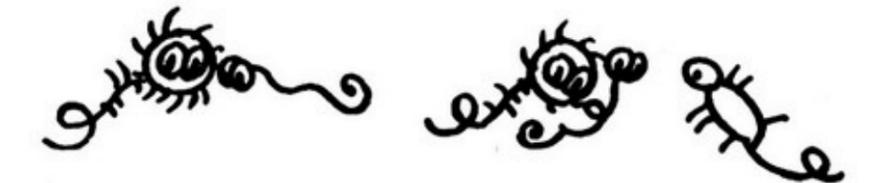
O que vale é que, a partir da terceira parte, o Pagano corre á bordada todos os canastrani que entram na fita. E' pena que a Cecil Tryan e o Lido Manetti, em vez de abarcarem com os protagonistas, não estejam do outro lado da barricada; até dava gosto vê-los apanhar uma daquelas cervejas signées Maciste que, mesmo a brincar, devem deixar sinais.

Entre outros prodigios, o Bartolomeu faz um que é o verdadeiro clou do filme. A certa altura, o homem mergulha do cabeça nas salas ondas. Nisto, surgem tubarões não domesticados. A sala respira de alivio. Os benemerentes seláceos vão decerto papá-lo todo, au naturel, e pronto acabou-se a fita. Mas... Qual! Muita sorte tiveram os tubarões em não acabar, miseravelmente, os seus dias no bucho de Maciste, transformados em succulenta caldeirada...

Quando saí da sala, ouvi dizer a um espectador irritado:

—Ora bolas para o Maciste! A mim tambem n'assiste o direito do dizer que isto é uma grande macistupada!

Retardador.



O reponema palido encontra o bacilo de Kock e... combinam atacar o cerebro do Mota...



No caminho encontram o bacilo do tifo e... seguem todos o seu caminho em procura do Mota...



Mas, chegados lá, deparam com uma multidão de microbios da imbecilidade que nenhum bacilo é capaz de destruir e desistiram da empresa.

HUMORISMO NO ESTRANGEIRO

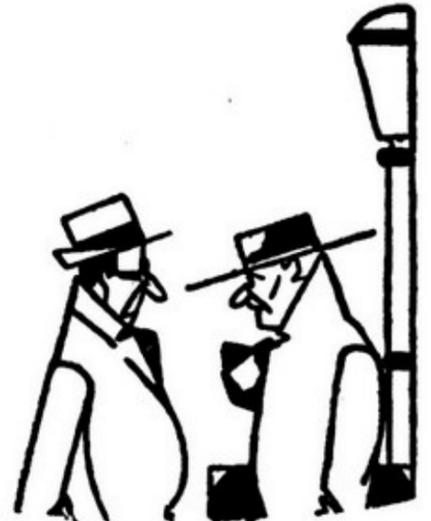


O advogado:—Hoje fiz a felicidade de sete pessoas. Divorciei três casais.

—Então, são seis pessoas...  
—E eu? Você julga que os divorciei de graça?...



—Não faça barulho, porque o senhor está dormindo. Ande nos bicos dos pés.



—Que fazes tu agora?  
—Vendo moveis.  
—E o negocio corer bem?  
—Por enquanto estou vendendo apenas os meus.



O prior:—Ontem deste-me uma alegria porque te vi em estado normal. Hoje dás-me um desgosto porque te vejo borracho.  
—E' que hoje é o meu dia de alegria, senhor prior.

# Jorge, o electricista

## OU O PLANTADOR DE EUCALIPTOS NA JAMAICA

(Romance de aventuras anfiblas)

Original de M. A. Caco Velho

### Capítulo I

Na noite de 2 de Janeiro de 1937, quem seguisse pela estrada que conduz de Neully a Paris havia fatalmente de se cruzar com um cavaleiro embuçado num gabão de Aveiro.

Fazia frio nessa noite, tanto assim que o embuçado de quando em quando exclamava: «Brrr... Brrr...», exclamações estas que só se proferem quando o termómetro marca quatro abaixo de zero.

Já tinha passado das três da madrugada, o que o cavaleiro constatou consultando o seu magnífico *Longines Grand Prix* que lhe fora oferecido por Luís XVI numa tarde de toiros no Campo de Sant'Ana. O embuçado soltou uma praga, enterrando os acicates no ventre do cavalo, que largou á desfilada.

### Capítulo II

Num palacete em Paris, da Avenue du Admirant des Rois, a condessa, deitada sobre uma marquetta, esperava ansiosamente a chegada do cavaleiro.

No seu velho relógio de pesos o alteres já ha muito tinham soado quatro horas. Era em vão que a elegantíssima senhora olhava para os pendulos. De subito, ouviu-se nas pedrinhas da calçada o ruído sonoro das patas dum cavalo que estacou repentinamente e, logo a seguir, três argoladas repenicadas soaram no silencio da noite. A condessa abriu a janela, expondo ao vento a sua formosa cabeça de Montachique, e perguntou:

—Quem é?

—Eu, respondeu o embuçado com

voz de operario, atando as rodeas do ginete á mãozinha de ferro fundido da porta. Momentos depois, a nobre senhora enlaçava o cavaleiro, que tinha as mãos frias como se duma serpente, conduzindo-o para um quarto de Vidago, todo em estilo Luís Gallardo. Vinha rompendo a manhã.

### Capítulo III

Em viagem para Nova Sintra, o paquete *Zarabataña*, nas alturas de 13 graus centígrados de latitude norte, naufragou, despedaçando-se na Rocha do Conde d'Obidos. Sómente, d'entre tantos naufragos, dois conseguiram, a nado, alcançar uma ilha deserta. Foram eles, Jorge de La Côte du Chateau, electricista a bordo, e Suzana Plissé, dactilografista da Sociedade das Nações.

Apenas chegados a terra, a primeira preocupação foi adquirir os meios de subsistencia. Embora fatigados, fizeram uma excursão pela ilha e, após porfiadas pesquisas, já quasi desanimados com a perspectiva da morte, deparou-se-lhes um vasto pomar, cujas arvores vergavam ao peso de formidaveis queijos flamengos á meia noite. Jorge, esfomeado, atirou-se ao queijo, sendo secundado por Mademoiselle Plissé. Saciada a debilidade, proseguiram o passeio, surgindo-lhes numa volta do caminho numerosos arbustos, tendo pendentes das hastas compridos macarronetes inteiros da Napolitana.

A passareda abundante esvoaçava em volta dos novos habitantes, o que suscitou a Jorge a ideia de fabricar com as ligas elasticas e um galho de arvore uma funda de arremeço.

E assim, dentro de alguns minu-

tos, tinha abatido um afonso gaio, um andrade corvo e um bulhão pato. Felizmente. Felizmente que Jorge conservara o seu acendedor automatico com gasolina da «Shell» e, momentos depois, uma confortadora fogueira assava as preciosas aves. Enquanto a dactilografista passava os animais pelas brazas, Jorge, fazendo um raid pela ilha, descobria uma nascente de agua de Vidago, absolutamente espontanea e desinteressada. Como não tivessem copos, limitaram-se a beber como os gatos; depois, adormeceram profundamente á sombra duma Pereira-Coelho.

### Capítulo IV

Numa corrida de cavalos marinhos, o conde de Poisson Epé, que outro não era o embuçado, foi cuspidado do quadrupede que montava, indo bater com as Fontes Pereiras de Melo numa podra pomes, partindo em três partes o braço de prata. Conduzindo imediatamente ao Hôpital de Saint Joseph, quando ali chegou já tinha morrido completamente. Nos bolsos foi-lhe encontrada uma carta lacrada, tendo escrito no envelope «O Meu Testamento». Aberto este, verificaram-se os seguintes legados: «Deixo a minha irmã Margueritte o meu Chalet des Canes, no Champ Grand. A minha irmã Yvonne, a Maison des Bangalles que possui na Rue d'Argent. A meu irmão Alphonse Coste, para que possa subir na vida, l'Ascenseur de Sainte Juste. A meu filho Ferdinand, o relógio e a respectiva corrente d'ar.

«Nomeio universal herdeira a condessa de Poisson Epé, deixando-lhe todas as acções do Banco de Char-

pentier e uma obrigação de pagar todas as minhas dividas.»

Dias depois, a viuva partia para uma longa viagem de distracção, embarcando para Caparique num dos paquetes rapidos de luxo da Parcorie Atlantique de l'Autre Bande Navigation Company. Entre outras pessoas, viajava no mesmo paquete o centenario americano Mixed Pickles que, mais tarde, num livro que escreveu sobre impressões digitais de viagem, se referia á condessa-viua nos seguintes termos:

—E' uma mulher ideal! A Magestade e a finura do seu porte cativam logo. Fala correctamente varias linguas, entre elas a lingua de gato e a lingua fumada.

«O seu elegantissimo vestido de crepe marrocaïn brodé assenta-lhe como uma luva no seu incomparavel Corpo Santo. Não posso fugir á tentação de descrever minuciosamente a mulher que, instante a instante, me baila no pensamento. Tem cabelo de relógio, testa cambista, olhos de pescada, nariz Aquilino Ribeiro, boca d'incendio com dentes d'alho, peçoço de galinha, seio de familia. A perfeição da sua bacia de ferro esmaltado é inextinguivel. Possui umas pernas d'aranha, elegantissimas, pés de cabra, mãosinhas de vitela com esvilhas. Do peçoço pendiam-lhe dois valiosos colares da Viuva Gomes e sobre as espaldas ostentava uma riquissima manta de toucinho. Esta nobre senhora fazia-se acompanhar da sua dama de companhia do Gas e Electricidade, do seu guarda-portão de ferro e dum cão chamado «Alfaiate».

(Continúa).



—Que estás a vêr?

—Um pobre sargento da aviação que acaba de cair exactamente ali defronte.

—Que horror!

—Sim, escorregou numa casca de laranja.



minutos, lavar, e o cabelo desaparece.

Veet pôde obter-se em todas as principais casas de artigos de toilette. Preço 12\$00 cada tubo; pelo correio, 13\$00. Unicos representantes em Portugal: J. W. Chaster, Lda. Rua da Conceição, 35, 2.º. Telef. C. 2945.



# VEET

## Todas as senhoras

sabem que perdem a sua beleza quando uma quantidade de cabelos superfluos chama a atenção dos olhares, sujeitando-se a criticas desagradaveis. Veet é um creme aveludado e perfumado que destrói o cabelo, como por encanto. Enquanto as navalhas e depilatorios comuns, simplesmente tiram superficialmente os cabelos, Veet dissolve-os por baixo da pele. E' simplesmente necessario aplicar um pouco de Veet exactamente como ele sai do tubo, esperar poucos

## !! Não queira ficar assim!!

### USE A VITELINA-VITERI

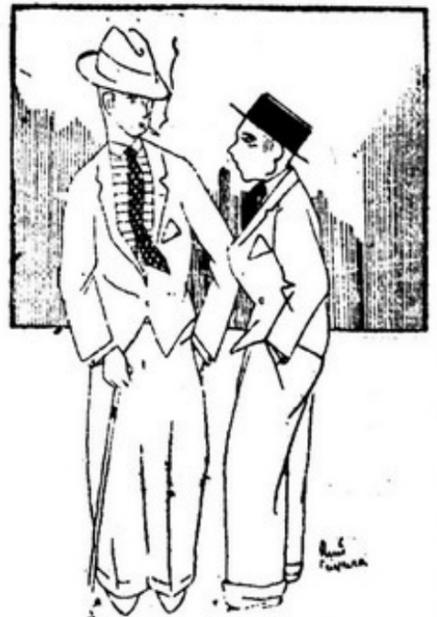
TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 6\$00

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º, D.-Lisboa



—Tu vais este ano para o Geres?

—Eu já agora fico por cá. Desde que o dr. Ricardo Jorge meteu chumbo na agua da Companhia, vou-me chumbando por aqui, que é mais barato.

# O RISO NO TEATRO

## No galinheiro

É o bom, o verdadeiro e genuíno publico, sem artificios, sempre alegre, franco e jovial, que ri a bandeiras despregadas—que ri tanto que se deixa sacudir por uma grande gargalhada que incomoda o parceiro do lado e faz voltarem-se alguns binoculos. Raramente usa borlas e não se inquieta nem pensa no que dele se possa dizer; como não tem toilette a pôr em evidencia, nem gravata que lhe aperte o pescoço, ri, ri sempre—ri enquanto tem vontade.

## Na geral numerosa

Aqui reina ainda a bela alegria, embora um pouco mais comprimida por uma mais laboriosa digestão, testemunho dum jantar menos frugal. Ri-se até ter vontade, mas duma forma mais comedida; não se pensa que haja conveniencias, mas... principia-se a ter algumas duvidas a tal respeito...

Nos intervalos, discute, faz barulho, ri ainda e come laranjas atirando as cascas para os parceiros que estão por baixo e mais acima na escala social...

## Nas cadeiras

Atenção!... É preciso cuidado! Ha gente por cima, por diante, por traz, por baixo e pelos lados. Mas ri-se. Ri-se ainda. Mas... é bom não incomodar os visinhos. Por conseguinte, o riso é mais comedido e menos franco. Ela frizou os cabelos pela manhã, muito cedo, e sabe que, se rir muito, estraga o penteado; ele traz uns colarinhos engomados, mais colarinhos e mais engomados que de costume, tem receio em mexer o pescoço. Mas... Os couplets são tão engraçados, que adeus minhas precauções... E os bons burgueses põem as mãos na barriga e uma grande gargalhada ressoa...

## Nos outros lugares

Tomam assentos as Pires e as Sois. Fatos escuros e colos muito claros. A alegria, se a havia, ficou em casa da tia. As pessoas de distincção não se riem, que é feio. Por conseguinte, couvem um leve sorriso, tão leve que o parceiro do lado, quasi sempre um velho careca e de frack, não percebe, como não percebe do que se passa no palco. Mesmo porque elas não se podem esquecer que o pó de arroz está caro e que só diante do espelho perderam três horas bom puxadas a aguardar-se, coisas que lhes demanda muita atenção e que as não deixa rir com o que se passa no palco. E dahi... Talvez se riam tambem... mas quando o fazem tapam a cara com o leque, motivo porque eu não vejo... E não admira. As pessoas de distincção não se riem, que é feio...

## Cesta Junier.



—Aonde vai aquele «Papo-Seco»?  
—Vai chamar o Herbert Dias ao Modern Office para arranjar a maquina de escrever, pois é o unico que concerta com a maxima rapidez e competencia.

## UM CONTO... DE AZEITE

# UMA DONA DE CASA "TROUXA,,

OU

# A HISTORIA DUM AZEITE BARATO

O episodio tragi-comico que apresento não é fruto da minha imaginação. Sucedeu ha poucos dias com duas familias das minhas relações e se o trago a publico é apenas para prevenir os incautos. Embora o processo não seja muito moderno, ainda está pegando. Caso curioso: Uma dessas familias não foi vitima. Em compensação, a outra foi burlada em duplicado. Vou contar o caso da ultima:

2 hor.: da tarde.

O amigo do dono da casa, depois de bater á porta:—O Tomé está?

A dona de casa atroxou:—Não senhor! A esta hora está sempre na Companhia.

O amigo, dando mostras de grande desapontamento:—Oh! E ele não deixou a V. Ex.ª um recado para mim?

A dona de casa:—Não me incumbiu de nada...

O amigo, coçando a cabeça:—Que transtorno, meu Deus!

Ela:—Mas passo saber de que se trata?

Ele:—V. Ex.ª, segundo depreendo, é a esposa do Tomé, não é verdade?

Ela, impacientada:—Sou, sim senhor.

Ele:—Trata-se do seguinte: Sou amigo do seu esposo e empregado na importante firma J. Martins, Limitada, com armazem de vinhos e azeites no Poço do Bispo. Infelizmente, na actualidade, os pobres dos patrões já nem são donos daquilo que é seu. Ora os patrões possuem, nos armazens, azeite em quantidade superior ao estipulado por lei e tivemos conhecimento que os fiscaes irão lá hoje passar uma busca. Nós calculavamos que eles só lá fossem para o dia 10 do mês que vem e os patrões tinham combinado para que cada empregado levasse para sua casa 5 litros de azeite, que nos seria vendido ao preço de 7\$20 o litro. Eu contei isto a seu esposo e ele pediu-me para eu lhe arranjar 5 litros.

Ela:—Admira-me bastante o meu marido fazer tal pedido, pois é uma criatura que nunca se preocupou com essas coisas. Mas o que mais me admira é ele não me ter avisado.

Ele:—Ele em parte tem razão! Isto estava combinado para o dia 10. O diabo dos fiscaes!

Ela:—Mas o senhor vai ao escritorio e fale a ele.

Ele:—Impossível, minha senhora! Isto dentro de meia hora tem de estar resolvido. Dentro em pouco vão lá os fiscaes. Por isso não tenho tem-

po para ir arranjar a vazilha e os trinta e seis escudos. Se estivesse no principio do mês, eu trazia o azeite, pagava da minha algibeira e o Tomé saldaria quando me encontrasse, pois sei que ele é de muito boas contas. Não me convem pedir fiado ao patrão. Isto do patrões... E é pena porque é um azeite esplendido e fino para prato!

Ela, entusiasmada:—E a 7\$20?

Ele:—Sim, minha senhora!

Ela:—E o senhor não terá facilidade em arranjar dez litros?

Ele:—Pois é claro que posso! E demais para casa dum amigo como é o Tomé!

(Ela, nesta altura, chama a criada e diz-lhe para trazer uma vazilha que está na dispensa).

Ela:—Como o Tomé vai ficar contente!

Ela:—Na verdade, seria um crime egeitar tal oferta. O azeite de 7\$50 que por ali se encontra á venda não presta para nada. Parece oleo para maquinas.

Ele:—É verdade, minha senhora! É refinadissimo! Uma verdadeira porcarias! Aquelle é tudo quanto ha de melhor.

Ela:—Aqui está uma vazilha que leva vinte litros. Ainda contém uns cinco litros, mas não os despejo para que o seu r se não demore. Tome os 7\$50 para os dez litros. A que horas manda cá?

Ele:—Antes das cinco. Muito boas tardes e cumprimentos ao Tomé.

Ela:—Boas tardes e muito agradecida pela sua atenção. Meu marido agradecer-lhe-ha depois.

Ele:—Não vale a pena. Eu fiz isto desinteressadamente e não para que ele me agradecesse. Adeus e muito obrigado, tambem.

8 horas da noite.

A dona de casa atroxou para o marido:—São 8 horas e o teu amigo ainda não mandou o azeite.

O marido:—Azeite? Amigo? De que se trata?

Ela, depois de contar a historia:—Então não sabias de nada?

O marido, exaltadissimo e quebrando dois pratos:—Foste ludibriada!

Ela, chorando e aos gritos:—7 litros de azeite, uma vazilha o 7\$500! Ail ail fui roubada!

Esmaia.

Tableau!

Reix.



ELA—Então que tal?

ELE—Por enquanto vai no bom-me-quer, mas estes malmequeres aqui, tem um perfume muito exquisito...

# BOM HUMOR EM PORTUGAL



—Que diabo vem esta gente aqui fazer todos os dias?

—Vem aprender a ser civilizada...

## A rusga



—Mas, lá vou ter que trabalhar hoje para ele...

## Companhia dos Caminhos de o PorFerreugueses

### Serviço de Saude

### Concurso para enfermeiros de 3

Perante o Serviço de Saude desta Companhia, está aberto concurso por 30 dias, a contar a data do presente anuncio, para o preenchimento das vagas que se derem, durante um ano, no quadro de enfermeiros de 3.ª classe, com o vencimento de Esc. 165\$00, casa de residencia ou respectivo abono (até 50\$00) e subvenção temporaria de Esc. 426\$00 mensalmente.

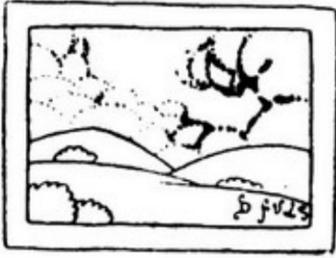
Os candidatos deverão apresentar documentos autenticos de aprovação no curso completo de enfermagem, passado por qualquer escola do país ou estrangeira equivalente, e quaisquer outros comprovativos das suas habilitações, certidão de idade em que provem ter menos de 30 anos e certificado de registo criminal.

Depois de julgados aptos pela Junta Medica, serão sujeitos a uma prova pratica e teorica na sede do Serviço de Saude, para a sua classificação em merito absoluto e relativo.

A nomeação será tornada definitiva findos seis meses do serviço efectivo com boas informações; passados dois anos de bom serviço começarão a vencer as respectivas diuturnidade. As promoções fazem-se por vagas nas classes imediatas ou por exame.

Todos os outros esclarecimentos que os candidatos desejarem obter serão prestados na sede do Serviço de Saude, em Santa Apollonia, todos os dias uteis, das 10 ás 13 e das 14 1/2 ás 17 1/2 horas.

Lisboa, 22 de Junho de 1927 - O Director Geral da Companhia, (a) Ferreira de Mesquita.



— Olha que não abusas da minha fraqueza de mulher!...



— Tu estás a lavar os pés? Ai Januario, tu tens uma amante!



— Diz então que sou culpada da sua miseria?  
— Sim, minha senhora: V. Ex.<sup>a</sup>, cortando o cabelo, concorreu também para a falencia da minha fabrica de ganchos...



— João, desconfia você quem é o massador?  
— É seu pai.  
— Dê-lhe cinco escudos e ponha-o a andar.